Biblioteca Virtualbooks

A ALMA DO LÁZARO

JOSÉ DE ALENCAR

ADVERTÊNCIA

Este alfarrábio, não o devo ao meu velho cronista do Passeio Público. É, como se disse no prólogo, uma escavação dos tempos escolásticos.

Tem ele porém, se me não engano, o mesmo sabor de antiguidade que os outros, e ao folheá-lo estou que o leitor há de sentir o bafio de velhice, que respira das cousas por muito tempo guardadas.

Para alguns esse mofo literário é desagradável. Há porém antiquários que acham particular encanto nestas exsudações do passado que ressumam dos velhos monumentos e dos velhos livros.

Rio de Janeiro, dezembro de 1872.

A ALMA DO LÁZARO

PRIMEIRA PARTE

A ALMA PENADA

Triste irrisão é a glória. Quantos engenhos sublimes, criados para as arrojadas concepções, que ficam aí tolhidos pelo estalão do viver banal, senão sepultos em vida na indiferença, quando não é no desprezo das turbas?

Também quanta ralé, feita para patinhar no pó, que se ala as eminências, insuflada pelos parvos, e se apavora com as galas da celebridade?

E dizer que homens de são juízo labutam ou porfiam após esse fogo fátuo, e deslumbram-se a ponto de esquecerem afetos e bens, sacrificados em má hora à ilusão falaz!

Lá volvem os anos; e um dia vem à flor da terra o crânio que foi um poeta, ou um herói. Quem se importa com o sobejo dos vermes? É um pouco de cal e nada mais. Não tarda que a pata do homem ou do bruto passando por aí triture esse pó, a que animou outrora o sopro de Deus, mens divinior.

O autor do Diário do Lázaro foi um de tantos engenhos, atados a grilheta da miséria Poeta desconhecido, enquanto a sua alma inspirada se derramava em ânsias e prantos, o bestunto de muito zote agaloado lá se estava enfunando com os aplausos, furtados à virtude e saber.

Foi há muito tempo.

Era eu estudante na academia de Olinda. Tinha então dezenove anos, e sentia minhas quedas para a poesia, mas pela poesia plebéia, em prosa estirada, que isso de verso é cousa com que não se conformava o meu espírito. Vão lá medir o pensamento, rimar as paixões?

Muitas vezes sucedia-me nas vigílias do estudo apanhar o eu em flagrante delito de literatura, a idear romances e fantasiar dramas, enquanto lá o outro, o estudante de carne e osso, tressuava às voltas com o Corpus Juris Civilis.

Qual é a alma que nas primeiras expansões da vida, a dilatar-se pelos largos horizontes desta terra do Brasil; a embeber-se nas ondas de luz que imergem essa porção mimosa da criação; a coar-se nas harmonias das brisas que passam pelas florestas, não solta o vôo e se arroja ao céu, embora o calor do sol lhe requeime as asas, precipitando-a num oceano, que é a dúvida!

Era poeta; posso confessá-lo agora que essa veleidade passou de uma feita e já agora não voltará mais.

Tinha a febre da imaginação que delira, envolvendo-se como em uma crisálida, no prisma de suas ilusões.

Olinda, a velha cidade em ruínas, abrigando no seio a mocidade rica de seiva e de vida; o passado com todas as suas gloriosas recordações, e o futuro com as suas brilhantes esperanças; essa aliança misteriosa de dois mundos, de duas gerações, uma apenas em flor, a outra já cinzas, separadas pelo tempo, e reunidas pelas vicissitudes da existência humana, me impressionava profundamente.

A descuidosa jovialidade da vida do estudante, o riso franco, o dito chistoso, a magra ceia que o prazer fazia lauta, o decante livre, tudo isto que em outra cena seria tão natural, me parecia uma profanação no meio desses muros aluídos, desses claustros ermos, sobre esse túmulo de uma população extinta, à face dessa cidade múmia.

Meu gosto era vagar à calada da noite por aquelas ruas solitárias, quando cessava o arruído, quando a palpitação e o resfolgar de emprestada existência já não galvanizava o cadáver da nobre e florescente vila de Duarte Coelho.

De ordinário ia sentar-me no adro desse Convento do Carmo, esqueleto de pedra, cuja ossada gigante o tempo ainda não tinha de todo arruinado. De um lado, sobre a quebrada que faz a montanha, descortinava-se o mar límpido e calmo; de outro erguia-se a massa informe da cidade recortando o seu perfil no azul do céu.

O silêncio que pesava sobre aquela solidão era apenas interrompido pelo esvoaçar dalguma ave noturna no âmbito do claustro, pelo estalido das lendas que se abriam nos muros, e pelo atrito das escaras soltas das velhas paredes.

Às vezes a lua vinha dar a esta cena triste e grave traços fantásticos, e um toque de sua doce e suave melancolia. Os raios da luz pálida e alvacenta, esbatendo-se nas pedras do átrio, enfiando pelas largas frestas, e debuxando nos claros sombras esguias, criavam mil formas incertas e vacilantes.

Era por momentos como um vasto lençol que amortalhava as ruínas do antigo edifício; logo depois afiguravam-se vultos de carmelitas cobertos da alva estampinha, a percorrer o claustro solitário, e a murmurar as sagradas litanias; alguma vez parecia-me ver passar diante de meus olhos uma dessas lâminas, de que a imaginação popular em outras eras povoou os templos abandonados.

Aí as recordações históricas, dormidas sobre este solo, em cada pedra que tombara das antigas construções, acordavam umas após outras no meu espírito, e me faziam reviver na memória os dois séculos que tinham volvido sobre as diversas gerações de homens e de casas, de que apenas restavam alguns nomes e alguns muros.

O mar a perder-se no horizonte lembrava-me a flotilha de Duarte Coelho, o donatário de Pernambuco, aportando aquela costa em 1535, e trazendo a seu bordo a colônia que nesse mesmo ano fundou a vila de Olinda, com o auxílio dos chefes índios, Miraubi, Itagipe e Itabira, e das suas tribos selvagens. Lembrava-me a grande armada holandesa comandada por Lecoq, que surgiu a 14 de fevereiro de 1631 diante da cidade, e em alguns dias assenhoreou-se dela com fácil vitória, pelo terror que se apoderou dos habitantes, apesar dos esforços de Matias de Albuquerque.

Lembrava-me os combates navais das forças espanholas e portuguesas contra os holandeses, especialmente o de 12 de setembro de 1631 em que Pater, depois de sete horas de peleja, batido por Oquendo, abandonado da tripulação em sua nau presa

das chamas, preferiu à salvação, que tinha por desonra, uma morte gloriosa, e, envolvendo-se na bandeira nacional, sepultou-se no oceano, único túmulo digno de um almirante batavo.

O istmo, os Fortes do Mar e de São Jorge, o antigo Colégio dos Jesuítas e o Convento de São Francisco, recordavam a resistência heróica dos poucos que não abandonaram o seu general na defesa da colônia, mas que afinal foram obrigados a ceder ao número.

Os edifícios em ruína ainda tinham gravados nos seus muros os vestígios do incêndio que em 1631 os holandeses lançaram à cidade, quando reconheceram a impossibilidade de conservá-la e a necessidade de concentrar-se no povoado do Recife. Além, a várzea que se estendia pela margem direita do Beberibe, semeada de quintas e de jardins, apresentava ainda o sítio desse Arraial do Bom Jesus, centro da resistência heróica, com que durante o espaço de cinco anos os pernambucanos fizeram esquecer por feitos e ações gloriosas, dignas da idade homérica, um momento de fraqueza e temor na rendição da colônia.

Enfim, aquela solidão e silêncio testemunhavam a decadência de Olinda, que a fundação da cidade Maurícia, mais do que o incêndio, apressara, sobretudo depois que a guerra civil dos Mascates roubou-lhe, para dar à sua rival, a primazia como capital de Pernambuco.

E quando todas essas recordações tinham voado e revoado por meu espírito, interrogava os muros do convento e os cômoros de pedras; como para arrancar-lhes o segredo de algum fato interessante de que se perdera a tradição, ou a palavra de algum drama desconhecido, que o coração naturalmente representara a par com acontecimentos políticos.

A guerra, o incêndio, a luta das raças, as revoluções, não passaram por ai sem o cortejo infalível das paixões humanas. Os feitos de armas, as ações de heroísmo, o morticínio, o crime e a virtude em suas enérgicas manifestações, deviam prender-se necessariamente por um fio misterioso a alguma história de amor, ou a algum episódio de vingança.

Era justamente essa crônica do coração, esquecida pelos analistas do tempo, que eu pedia àquelas rumas.

Quantas vezes não sondei esses destroços de alvenaria, essas paredes fluas, procurando, nem sei o que, uma memória, um nome,

uma inscrição, uma frase que me revelasse algum mistério, que me dissesse o epílogo de alguma lenda que a imaginação completaria!

Mas o velho convento ficava mudo e impassível: os muros, levados pela chuva e pelo vento, estavam descarnados; as pedras já não conservavam os vestígios da mão do homem; e a eloqüência do silêncio, que plainava sobre o templo, dizia apenas a ruína.

Cansado, extenuado de corpo e espírito, partia-me depois de duas ou três horas de meditação e de investigações inúteis, trazendo ainda para a insônia as impressões várias, as reflexões profundas que despertava essa evocação do passado.

No dia seguinte voltava; não me podia resignar à idéia de que esse claustro não guardasse para mim alguma revelação poética; tinha um pressentimento, que mais tarde devia realizar-se, de um modo inesperado.

Eis como.

II

Uma noite, seriam onze passadas, estava eu sentado no adro do convento. Fazia luar, porém o céu nublava-se; o ar era pesado, o mar sem ondulações arquejava como opresso; a chama fosforescente do relâmpago iluminava a fímbria das nuvens escuras. Uma grande tempestade estava iminente.

Enquanto a natureza preparava e dispunha a cena em que os elementos iam representar, estive embebido a contemplar os progressos da borrasca; mas quando a primeira gota, umedecendo as lajes, anunciou-me a chuva, imediatamente e como por encanto acalmou-se a sede ardente de poesia e mistério que me devorava.

Ergui-me, com ânimo de ganhar a casa sem demora.

Mas os joelhos dobraram-se, e um fio de gelo correu-me pelo corpo, arrufando a pele e eriçando-me os cabelos; foi-me preciso grande esforço para dominar-me, e vencer o susto pueril que me tomara de surpresa.

Tinha ouvido uma voz trêmula que rezava cantando à surdina uma ladainha de igreja; e pareceu-me que afinal chegara a ocasião de

ver surgir diante de mim um desses fantasmas que nas minhas extravagantes elucubrações, eu tantas vezes evocara.

Revesti-me de coragem; voltei-me para o interior do convento, e adiantei-me alguns passos na direção da voz que murmurava sempre as suas rezas de cantochão.

De repente, numa paveia de luz que enfiava por larga brecha do teto prestes a desmoronar-se, destacou um vulto de alta estatura, envolto numa túnica preta e roçagante, sobre a qual a longa barba branca brilhava com os reflexos da lua. Avançava lentamente, apoiando-se sobre um báculo que trazia na mão esquerda.

Julguei... Nem sei o que julguei, de tantas e tão encontradas que foram as idéias que me assaltaram então. Entre outras pareceu-me ver o fantasma de um dos antigos priores do Carmo, acabando de oficiar em pontifical, e tornando à sua cela.

Recuei instintivamente; e com esse movimento projetando-me no claro de uma janela, fui percebido do vulto, que por sua vez também estacou, soltando uma exclamação de espanto ou de surpresa.

Decorreu um instante em que ambos, com os olhos fitos, nos examinamos reciprocamente; o que se passava no seu espírito não o podia adivinhar; o que se passou no meu, qualquer, ainda o mais destemido, pode bem supor. Afinal o vulto endireitou para mim, e veio aproximando-se; cosi-me com a parede, e esperei-o.

Quando ele chegou a dois passos, conheci o meu engano, e estive para soltar uma gargalhada, escarnecendo de mim mesmo. O meu fantasma era apenas um velho pescador; a túnica preta e roçagante uma rede de malhas; e o báculo de prior não passava de um remo de canoa.

- Bendito e louvado seja o Senhor! foi a saudação que me dirigiu.

- Deus lhe dê boa-noite, respondi eu já de ânimo sereno.

- Para o servir, e a vossa senhoria no que mandar deste seu servo.

- Obrigado, meu velho.

Essa cortesia antiga, inspirada na religião, e a voz grave e arrastada do velho, junto à expressão doce de seu rosto, me excitaram viva simpatia.

- Vai hoje muito tarde para a pesca? disse-lhe eu reatando o fio do diálogo.

- Quem sabe quando irei? A tempestade não tarda conosco. Cuidei que adiantava saindo mais cedo, e afinal de contas atrasei.

- Mora longe daqui?

- Lá embaixo! respondeu apontando para a praia que se prolonga ao norte.

Os relâmpagos fuzilavam amiúde; e a chuva começava a bater no telhado.

- Então tenha vossa senhoria boa-noite; vou ver se me arranjo para passar o aguaceiro, que promete durar.

- Ah! veio abrigar-se aqui? E não tem medo deste teto esburacado e destas paredes rachadas?

- Será o que Deus for servido. Não é a primeira vez que me tem sucedido ficar aqui boa parte da noite, e até hoje nenhum mal disto me veio.

- Ora, diga-me uma cousa?...

- O que é, meu senhor?

- Por que cantava baixinho uma... ladainha, se não me engano?

O velho sorriu com brandura.

- Era o terço. Minha mãe me recomendou que cantasse sempre que houvesse tempestade; e isto me ficou desde menino.

Estava tudo explicado. A minha visão fantástica tinha-se desvanecido, deixando a realidade do encontro simples e natural com um pescador que fora ao convento abrigar-se da chuva.

Pensei em recolher-me.

- Sabe por que lhe fiz esta pergunta?

- Vossa senhoria me dirá, respondeu o velho.

- Pois confesso-lhe que me causou um grande susto. Quando ouvi a sua cantiga, e o vi de longe no meio destas ruínas, tão fora de horas, cuidei que era... Acredite! Uma alma do outro mundo.

- Ainda sou deste, graças a Deus, disse o pescador sorrindo, bem que por pouco tempo.

- Há de sê-lo por muitos anos.

O velho abanou a cabeça.

- Os oitenta já lá vão. Mas deixe-me dizer-lhe... Também a mim, quando o enxerguei, no que a vista me ajuda, sucedeu-me quase a mesma cousa.

- Também causei-lhe susto?

- Susto, não; nesta idade a gente já não se teme, senão daquele que está no céu para nos julgar a todos; porém assim um espanto, como se visse uma pessoa que não se espera mais ver, aqui embaixo.

- Já falecida?

- Senhor, sim.

- Quem?

- Oh! o senhor ainda não era nascido, quando isto foi.

- Há muitos anos então?

- Se eu já lhes perdi a conta!

- Conte-me isso.

- São cousas velhas que já não lembram a ninguém. Levariam muito tempo

- Não faz mal.

- Melhor é que vossa senhoria se guarde da chuva que aí está de pancada; eu vou fazer outro tanto.

Se eu mesmo perdia uma história do século passado, uma anedota de cabelos brancos, uma antigualha qualquer, depois de tê-la procurado inutilmente durante mais de cinco meses!

- Por mim, não tenha cuidado, respondi: trate de acomodar-se, e se não tiver sono, conversaremos.

- Sono de velho é o descanso do corpo. Venha Vossa senhora já que assim o quer.

Chegamo-nos a um dos ângulos do velho convento, onde algumas paredes interiores formavam outrora uma sacristia: o pavimento do primeiro andar não tinha ainda desabado nesse lugar.

O velho enrolou a rede de que fez uma espécie de almofada; tirou fogo do fuzil e acendeu o cachimbo, enquanto eu, sentado sobre um troço de parede, e devorado pela curiosidade, preparava o meu cigarro.

III

Começou o velho:

"Fazem, se quer que lhe diga, não sei quantos anos. Era eu tamanino como esta minha pá de remo.

"O pai vivia da pesca, como o avô; porque isto de pescador parece que é oficio de família, que vai passando de filho a neto. Quase todas as noites ele me levava consigo quando ia ao mar; e pequeno como era sabia arrumar a canoa e botá-la ao largo.

"Já então costumava o pai na volta da pescaria descansar aqui. Punha a canoa em seco; deixava passar o resto da noite, e lá pela madrugada íamos vender o peixe ao Recife, porque em Olinda, afora a clerezia, tudo o mais era miuçalha.

"Havia ali assim no fundo do convento, bem na praia, uma casa velha, tão velha que estava cai, não cai. Também os donos, ninguém mais sabia deles. Nem viva alma ali morava.

"Uma noite, lá do largo, a gente viu uma luz acesa na janela da banda do mar. Eram que horas! Não tardava um instantinho que amanhecesse.

"- Estás vendo, Tonico?"

A voz do pescador tornou-se trêmula; e á tênue claridade da lua encoberta vi-o que enxugava com a mão rude e calosa uma lágrima de saudade.

- Meu nome de batismo é Antônio. Porém, o pai e a mãe chamavam a gente Tonico.

Essa emoção de um velho de oitenta anos, recordando-se do apelido familiar da meninice, essa memória poderosa do coração que através de uma longa existência cheia de vicissitudes e trabalhos refletia com todo o colorido os quadros singelos da infância, tocou-me.

Achei sublime isto, que outros acharão ridículo talvez.

O velho continuou, passada aquela primeira emoção:

"Eu nem respondi ao pai. Estava tremendo.

"- Quem andará ali?... Há que tempos a casa velha está abandonada!... Não seja...

"O pai fez o pelo sinal Eu rezava baixinho uma Ave-Maria.

"- Nossa Senhora de Nazaré nos defenda. Rema, rapaz, que o vento escasseou, e a vela está bamba!

"A luz de vez em quando apagava-se como farol que naquele tempo inda nem sonhava...

"Quando a gente chegou em terra, conheceu que a luz saía mesmo da janela da casa, e que o motivo de sumir-se e aparecer era uma figura preta que passava e tornava a passar por diante, como um homem que ia e vinha.

"Mas, havia um poder de anos, a casa não tinha morador, nem criatura de Deus que ali entrava.

"Na outra noite, na outra e na outra, sempre a mesma cousa, tanto que o pai não se pôde mais ter, e foi ao. sr. bispo e lhe contou tudo. O santo homem sossegou a gente: disse que era um pobre moço doente que veio morar na casa velha, porque todos fugiam dele, com medo da doença."

- Que doença? perguntei eu.

- O moço era como o que foi ressuscitado pelo Cristo!

- Lázaro?...

- Senhor, sim. Agora quantos andam por aí como ele? Mas naquele tempo não era assim: a gente pensava que aquilo era uma praga.

"Meu pai também cuidava, mas tinha bom coração; e ficou mais descansado sabendo quem era o morador da casa velha, do que antes quando pensava que ali andava cousa de bruxa.

"Uma vez... já se tinham passado quantos dias depois da luz aparecida! Era pela madrugada; nós estávamos a tirar a canoa para terra. Eis senão quando vimos o moço em pé no adro do convento, como inda agora vi o senhor. E isto me fez alembrar!...

"Esteve um pedaço bom; depois veio caminhando mansinho para cá.

"O pai quis fugir. Ele que deu pela cousa, parou, mais que depressa, e foi dizendo:

"- Não tenha medo... Não fuja que eu volto.

"Disse estas falas, assim com uma voz tão doce e tão penada que o pai teve dó dele, e ficou com vergonha:

"- Não fujo, não. Precisa de alguma cousa? Diga!...

"- Não preciso de nada!... Saí porque este vento me faz bem!... Estou queimando! Não o tinha visto, senão... Sei que não devo chegar-me para os outros.

"- A moléstia é para a gente ter medo; mas também falar só de longe, não faz mal, disse o pai.

"- Oh! há quanto tempo que não troco uma palavra com um ser humano!

"- E está-lhe doendo muito?

"- Horrívelmente!... Porém o que dói no corpo é o menos!

"Ele se assentou e nós continuamos a enxugar a canoa, sempre de olho nele.

"- É para vender o seu peixe?...

"- É senhor, sim.

"Foi ele, e disse então como um pobre que pede esmola:

"- Se eu quisesse comprar um?... "O pai ficou arrepiado.

"- Não sei!... dizem que a gente não deve tocar.

"- Escute!... Deite o peixe ai, na pedra, e fuja com o pequeno. Eu vou buscá-lo e deixo o dinheiro. Deste modo...

"- Não precisa! Ai tem o peixe. Quanto ao dinheiro há de carecer.

"Meu dito, meu feito. O moço foi, e deixou na pedra uma moeda de tostão. O pai, quem viu! Nem lhe quis tocar. Mas o menino bem se importa com doença! Tirante das almas d'outro mundo, não tinha medo de nada.

"A lembrou-me que a mãe precisava de uma vela de cera benta. A dela, de tanto acender quando nós andávamos no mar e ventava rijo, já estava num toco. Mal que o pai começou de passar pelo sono, fui eu devagarinho, e zás! apanhei o dinheiro; lavei bem lavado, e escondi no seio para que ninguém visse.

"No outro dia comprei a vela para a mãe. Foi preciso pregar uma mentira. Primeira e. derradeira. Era para não assustar a gente em casa. Deus deve me ter perdoado pelo motivo que foi."

O velho fez uma pausa.

- Chove a valer!... Mau tempo de garoupas!...

- Talvez estie ao amanhecer.

- Se o vento rondar... "Mas naquela noite, que eu dizia, quando o moço saiu, já o pai estava dormindo. Vou eu, dou-lhe. o peixe como da véspera, e ele deixou o dinheiro na pedra. A gente naquela idade gosta de saber tudo. Eu quis ver o que ele estava fazendo acordado até tão tarde, e pus-me a espiar pela fresta da porta. Jesus! O corpo me tremia que nem linha d'anzol quando o peixe fisga!

"Ele... o moço, estava assando o peixe. Depois comeu sem farinha, sem nada. Bebeu água, só. Vai por fim, lava as mãos e começa de escrever num livro que. estava na caixinha..."

- Que caixinha?... perguntei, interrompendo o velho.

- A caixinha de folha! retrucou surpreso da pergunta.

- Já sei...

- Ora! onde estava eu com a cabeça. Cuidava que já tinha dito... Mas não! Era uma caixa, assim por este tamanho. Também ele não tinha mais trastes senão aquele.

"Tive tanto dó... Apanhei o dinheiro, lavei como na outra noite, mas foi para comprar farinha. Trouxe ás escondidas do pai, que ralhava-me se soubesse.

"Não sei como foi; mas no cabo duma semana eu estava tão amigo dele, que levávamos a conversar toda a noite de enfiada, e assim, perto um do outro. Tudo que precisava, era eu que comprava. A ele não vendiam: tinham medo do dinheiro. E o coitado, antes queria vela para estar escrevendo, que o bocado para comer.

"Como são as cousas... Já entrava pela casa dentro, sem pinga de medo. Queria-lhe bem a ele; também ele me queria. Um dia perguntei como se chamava.

'Sabe que respondeu?

"- Não tenho nome!... Todos me chamam leproso.

"- Mas seu nome de batismo?

"- Era Francisco.

"Outra vez, por meus pecados, disse:

"- Por que passa todo o santo dia e mais a noite a escrever? Isto faz mal.

"Que olhos que me deitou! Ainda me alembro.

"- Estes livros são a minh'alma. O que tu vês em mim, Tonico, são os ossos que a lepra vai roendo.

"Cruzes! Tive um medo... das falas e dos olhos com que me olhou.

"E foi guardando os livros e desatou num pranto, num pranto... que. parecia um menino a chorar.

"Por esse tempo a gente de Olinda já andava alvoroçada com a estada do moço na casa velha. Diziam, que falso testemunho! que ele andava empestando a cidade. O rebuliço foi crescendo, e um bando saiu a gritar pelas ruas, e foi e requereu ao juiz do povo que pusesse o leproso para fora, senão haviam de mandar procurador a El-Rei.

"Dois dias, com tanto mar e vento que fez, o pai não saiu.

"Fiquei banzando com a idéia que o pobre moço não tinha quem lhe comprasse a comida. De noite me veio um sonho, e me acordei soluçando.

"- Que tens, Tonico?... De que choras?... perguntou minha mãe.

"- Ele não tem que comer...

"Isto me saiu sem querer, quando ainda estava tonto de sono.

"- Ele quem?...

"Vi que era sonho e calei a boca; porém não preguei mais olho.

"Logo na outra noite, enquanto o pai descansava, corri ao quarto do moço; a porta estava cerrada; mas havia luz dentro.

"Ele estava sentado junto da mesa com a testa encostada na caixa onde guardava os livros. A vela ia-se acabando. Pensei que estava

chorando como às vezes costumava, e levantei a cabeça dele com pena.

"Santo nome de Jesus! Soltei um grito! Estava morto! E tinha morrido de tome.

"Quando foram à casa velha para deitá-lo fora, só acharam o corpo que enterraram na praia. A gente da cidade ficou descansada.

"Mas eu, quem via que podia dormir! Era um sonho atrás do outro. Aqui então! mesmo acordado, estava vendo a cada passo aquele vulto de preto com seu rosto triste. Ele que me aparecia tão amiúdo, tinha cousa que me pedir.

"O que era? .~.. Pus-me a parafusar!... Vai senão quando me alembrou aquele dito dos livros:

"São a minh'alma."

"E não era outra cousa! O corpo que saia da terra, é que a alma andava penando por este mundo! Queria que enterrasse a caixa para seu repouso e descanso dele.

"Porém eu entrar mais na casa! Quem viu!

"Só de me alembrar, os cabelos espetavam, e corria-me pelas costas um suor tão frio.

"Foi Deus, que as paredes de fora caíram; e então um domingo, depois da missa, com os outros rapazes que andavam brincando na praia, fomos e puxamos a caixa; com uma vara cavou-se um buraco e enterrou-se."

- Aonde? perguntei eu com ansiedade.

- Por fora dessa parede em. que o senhor está encostado. Meu pai tinha-se deitado mais longe; e eu depois daquela noite não me animava a sair de perto dele.

"Quando acabei de enterrar a caixa, pareceu. que me tiravam um peso do coração. Ele ainda me apareceu uma vez. Foi para agradecer... Depois não voltou.

"Deus tenha sua alma."

IV

O velho tinha acabado a sua história, que eu ouvira com uma atenção religiosa:

- Por isso é que tanto me alembrei dele!... Foi ali mesmo, assim todo vestido de preto, que me apareceu pela primeira vez.

Não escutava mais o pescador; estava cheio da idéia de possuir os manuscritos que me faziam palpitar, como se fossem um tesouro. E eram realmente um tesouro para mim.

- Diga-me!.. É capaz de acertar com o lugar em que enterrou a caixa?

- Com os olhos fechados!... Os anos que foram já apagaram muita cousa, mas aqueles tempos de menino, parece que estão voltando!

- Pois venha mostrar-me.

O velho ergueu-se. Saímos do convento e beiramos a parede que olha o mar. Depois de alguns passos, ele parou.

- Por que é que o senhor quer saber?

Hesitei; adivinhava o escrúpulo do velho.

- Por simples curiosidade.

- É aqui! disse ele abaixando a mão.

- Está certo?...

- Estou vendo!

E o pescador ajoelhou-se e fez uma oração. Compreendi que ele respeitava aquela cova como se fosse realmente uma sepultura.

Não perturbei o seu recolhimento, e esperei que terminasse.

- Empresta-me o seu remo?

- Para quê? perguntou-me estremecendo.

- Para desenterrar a caixa.

- Isso nunca!

- Por quê?... Pensa que esses livros são realmente a sua alma?

- Ele disse.

- Mas Deus não quer que a alma fique na terra como o corpo; ela deve voltar ao céu. É o que desejo fazer.

O velho abanou a cabeça.

- Ouça!... Se a alma desse moço está nos livros,. para que ela volte ao céu é preciso que entre em outras almas vivas. Aquilo que ele escreveu deve ser lido...

Foi-me preciso aceitar a crença do velho que era muito profunda, para ser abalada.

Procurei tirar dela argumentos que o convencessem de que não entrava nas minhas intenções cometer um sacrilégio.

O pescador refletiu.

- Mas se isso é verdade, por que razão ele me pediu que enterrasse a caixa?...

Tive uma inspiração.

- Quando ele morreu - respondi - ninguém se animaria a tocar no que lhe pertencia, com receio da moléstia. Os livros ficariam perdidos... Por isso pediu-lhe que os enterrasse. Mais tarde devia alguém achar...

- Há de ser isto!

Cavamos três palmos; creio que se abrisse o túmulo de um ente que me fosse caro, não sentiria as emoções por que passei naquele momento. O pescador, na ingenuidade de sua crença, tinha razão: era a alma de um homem, talvez de um poeta, que estava ali sepultada.

A chuva, que caíra a cântaros, amolecera o terreno, e facilitara o trabalho:. depois de um quarto de hora de escavação, o pescador tirou do chão uma caixa de folha, que teria dois palmos de comprimento sobre um e meio de largo, e já inteiramente oxidada.

Despedi-me. do velho, a quem fiz aceitar a muito custo a pequena espórtula que comportavam as magras economias do estudante, e carregado com o meu tesouro, recolhi-me.

Ao despedir-me, o meu companheiro pediu-me um favor.

- Quando o senhor abrir a caixa, se pudesse. ser...

- Fale! Não tenha receio.

- Eu queria saber o que ele escreveu... Talvez não entenda!

- Fique descansado.

Ensinei-lhe a minha casa, onde ele foi muitas vezes, e onde passou horas e horas, a escutar a leitura que eu lhe fazia de alguns trechos dos livros.

Chegando a casa, não dormi; eram quatro horas da madrugada, e não tinha sono. Abri, ou antes arrombei a caixa, e achei dentro três volumes in-fólio, cobertos de pergaminho, uma pequena mecha de cabelos grisalhos, uma flor seca que desfez-se em pó quando a toquei, e uma bolsa com algumas moedas de cobre.

Dos volumes in-fólio; dois escritos de princípio a fim com uma letra grossa e trêmula, continham alguns episódios da guerra holandesa, e da crônica dos tempos coloniais; o seu autor lhes dera o título singelo de - Histórias que me Contou Minha Mãe.

O terceiro volume era um diário, escrito com pequenas interrupções; não tinha titulo, nem fora concluído.

Estavam todos em tal estado que me foi preciso copiá-los á pressa; e assim mesmo em muitos lugares as letras com a umidade tinham-se apagado de modo que só pelo sentido pude adivinhar as palavras.

São estes livros que hoje começo a dar a estampa.

Talvez a alguém cause reparo porque vinte e tantos anos decorreram e só agora. me resolvi a publicá-los?

A razão é simples.

Quando pela primeira vez li o diário do Lázaro, convenci-me que o estilo, embora simples e terso, carecia de ser retocado ao gosto da época; e dei-me a esse trabalho. Apenas vesti de novo a primeira parte, me arrependi;. quis-me parecer que era uma profanação tirar ao pensamento do escritor a sua frase rude às vezes, mas sempre expressiva: rasguei o que tinha escrito para escrever de novo.

Demais, achava a primeira parte do livro tão triste a cortar-me o coração, que receava publicá-la. Ao mesmo tempo que não me sofria a consciência deixar ignorada a memória do escritor, cujas obras queria dar à estampa: pois essa parte de que falo é o diário.

Foi então que a ambição me veio tomar no melhor dos sonhos da mocidade e conduziu-me ao través de uma vida sempre agitada à quadra dos desenganos, na qual me deixou isolado, mas tranqüilo.

Voltei então para os meus estudos literários, reli com imenso prazer os meus esboços de obras mal alinhavadas, os meus versos truncados, e revi a minha juventude naquelas relíquias das primeiras inspirações.

Entre esses papéis velhos deparei com a cópia ou versão do antigo manuscrito. Lembrei-me do que prometera ao velho, e senti como um remorso de haver por tanto tempo conservado no esquecimento a alma desse ignoto poeta do século passado.

Este livro é pois um voto.

SEGUNDA PARTE

O DIÁRIO

1752

7 MARÇO

Estou só no mundo.

Minha mãe morreu... Pobre mãe!... Antes assim! Devias sofrer muito a ver teu filho asco e horror da gente... Mas por que me deixaste neste vale de lágrimas?

Minha alma morreu contigo. Vivem as úlceras que devoram estes restos de corpo, sobejo da enfermidade terrível! Sem ti, que me consolavas, que sofrias comigo da minha angústia, que vai ser de mim neste exílio?...

Resta-me uma irmã.

Foi... Agora tem outra família. Ela me quer, bem sei, e com amor. Mas sou um estranho para os seus. Meto-lhe medo. Não por ela... Por seus filhos. E tem razão.

Tu só, mãe, não tinhas nojo de meu hálito de peste! Tu só não te areceavas do fogo que me abrasa o sangue! Tu só não me abandonaste enquanto o Senhor não te chamou!

Devia chamar-nos a ambos.

A quem direi agora a minha dor, se tu não estás aqui para ouvi-la? Ao vento, para levá-la á gente que me escarnece?... Sim, ao vento! Fossem peçonha minhas palavras, que eu as cuspiria sobre eles sem dó, como dó não tiveram do mísero, de mim.

Perdoai-me, Senhor!... Menti! Eles não me fizeram nenhum mal. Que culpa têm do castigo que pesa sobre o infeliz?...

Quando estavas ao meu lado, mãe, eras alívio ao meu padecimento. Meu gemido ia ao teu coração; e por não te ver sofrer, eu sofria menos.

Vi-te pela última vez.

A terra abriu-se para roubar-te aos meus braços. Se não me tivessem arrancado!... Eu dormiria em teu seio o último sono como dormi o primeiro, feliz e tranqüilo.

Este anel de cabelos é tudo que me resta de ti. Mas tu vives em minha alma.

Eu te sinto em mim. Falo-te; me respondes.

9 DE MARÇO

Que profunda é a solidão desta casa depois que tu não a habitas comigo!

Parece-me um túmulo.

Na sepultura em que descansas na Igreja de São Pedro Gonçalves, não sentes nem o peso da terra, nem o prurido dos vermes. Tua alma branca e pura, goza no seio do Criador. Na minha sepultura, eu me sinto asfixiar pelo silêncio, que me é mortalha. Quando alguma vez o burburinho do mundo penetra aqui, é para despertar a modorra da agonia.

A noite desce, como a lousa fria e negra. Ah! se com ela me trouxesse o repouso!... Mas é só morte ao coração, à fé, à crença. A dor vive em meu cadáver.

Quando tu aqui estavas, vinham ainda ver-te algumas velhas amigas da infância. Tão santa cousa é a afeição!... Vencia o receio e a repugnância que eu lhes inspirava.

Agora, ninguém virá. Luíza não pode, nem deve. É minha irmã; mas é mãe. Não o fora, que eu lhe pediria para não vir. Sofreria mais da compaixão dela, que não sofro do meu suplício.

Amigos, nunca os tive. Parentes já não os tenho. Depois que morri, não me conhecem... Sim! conhecem-me, quando me fogem.

Maria, a nossa escrava, é o único ser humano, com quem falo. Ao menos tem a forma... Deve existir uma alma ali dentro.

10 DE MARÇO

Depois que me deixaste, mãe, sinto um consolo imenso em escrever. E como se te falasse

Comecei hoje a tirar sobre o papel, do coração onde as tenho intactas, aquelas bonitas histórias, que aprendeste de meu avó. Foram-me bálsamo, ouvidas de teus lábios nas horas da vigília; porque o espírito ia-se nelas, e o fogo queimava só uma carne insensível. São-me conforto agora contra o desânimo que me invade. Escrevendo-as, estou contigo. A ternura que derramaste nelas é um santo óleo. Vaza-me do seio, onde o verteste, e unge-me Tuas palavras, escuto-as ainda. Deu-lhes tua alma uma voz, para que murmurem assim ao meu ouvido?

A recordar o que me contaste, vivo nesse tempo bom de fé e heroísmo. Não me admiram feitos grandes que houve então. O espírito respirava na estima do povo, como se respira o ar na atmosfera, um ressaibo de nobreza. Era mãe a pátria, que defendiam filhos dedicados. Foi depois que a fizeram senhora, mal servida por fâmulos interesseiros.

Mal de mim que não nasci naquele tempo!... Não me negariam o direito de morrer combatendo pela independência da minha terra. O soldado que a todo instante via a morte, não se temeria do contacto de um pobre enfermo... A bala do arcabuz ou o golpe da lança, é mais terrível do que a lepra.

Nesta era o soldado fez-se aventureiro. Joga a vida pelo lucro. Se me oferecesse por companheiro seu, me haviam de repelir. O mais bravo fugiria de mim! Que horrível anátema trago impresso na fronte!...

11 DE MARÇO

Luíza veio ver-me. Tarde, bem tarde da noite, para evitar suspeitas.

Parece que o mundo reputa crime consolar uma irmã a seu irmão aflito! Mas o irmão é um leproso!... Seu marido lhe perdoaria talvez se ela voltasse com o lábio manchado pelo beijo adúltero. Nunca, se esse lábio tivesse bafejado a face ardente do mísero enfermo.

Deliro!...

Esta visita fez-me mal. Sou injusto. Luíza me ama; não teme o contágio, ou se o teme, seu amor por mim é mais forte. Quis abraçar-me!... Fui eu que a repeli!... a ela, o único ente que não me foge!

Amo-o eu mais do que a ti, mãe, para ter essa coragem?...

Não! É que tu me pertencias, como eu a ti. É que nos tínhamos dado um ao outro, naturalmente, sem esforço, sem sacrifício. É que eu vivia nos teus braços, como tinha vivido nas tuas entranhas, ligado pelo mesmo elo, o teu amor.

Luíza veio para comunicar-me a sua resolução, dela e de seu marido. Não quer a parte que lhe cabe da nossa pequena herança; deixa-me tudo, porque necessito mais, e não posso trabalhar.

Recusei e não lhe agradeci.

Como rala essa compaixão! Tem-me por um homem inútil, incapaz de ganhar o sustento para o corpo. Por fim ela pensa bem. Quem aceitará a obra tocada por minhas mãos, e impregnada do meu suor?

12 DE MARÇO

Passei toda a manhã a ensinar a Maria as orações que aprendi em teu colo. Não as compreende, nem sabe repeti-las comigo! Que sono profundo dorme essa alma! Nada a perturba. O corpo ali move-se pelo instinto, ou talvez pelo hábito...

Contudo é uma criatura humana. Ouve... E eu sinto um prazer inconcebível em falar a alguém!...

16 DE MARÇO

Esses dias tenho levado a escrever o meu livro.

Dei-lhe um título bem mesquinho para os outros, que não lhe sabem a significação; mas bem gentil e, sobretudo, bem verdadeiro para mim.

Chamei-o: Livro das Histórias que me Contou Minha Mãe.

Tenho delas acabada a primeira. É a história de D. Maria de Sousa. Também ela foi mãe e sofreu por seus filhos; também ela foi grande pelo heroísmo, e forte pela constância.

Mas como tu que vinte anos acompanhaste a tortura incessante daquele que geraste para tua pena, sem nunca soltar uma queixa; como tu, não quero que tenha existido ou possa existir outra mãe.

Pesa-me que não estejas aqui ouvindo-me para ler-te o meu livro! Acho-o melhor do que nunca esperei de mim. Acho-o bonito. Tem alguma cousa daquela singeleza dos teus contos.

Mas que estou eu dizendo?... Tu me ouves! Tu leste no meu espírito, muito antes que as palavras se formassem, e que a pena as lançasse no papel!

17 DE MARÇO

Estive a refletir num projeto. É talvez uma loucura. E o que são todos os projetos do homem, miserável criatura, de quem zomba o tempo e a fortuna?

Lembrei-me de dar à estampa o meu livro.

Talvez naqueles que o lessem, excitasse eu alguma simpatia. Não me conhecendo nem sabendo o meu nome, a repugnância que inspiro não mataria o interesse pelo autor obscuro e ignorado.

Tenho tanta sede de afeição, depois que a tua me deixou vazio o coração!... Sentir-me querido, ainda, mesmo de longe, e envolto no mistério, seria uma suprema ventura!

Demais, quem sabe?... Salvaria deste martírio estéril e desta vida inútil alguma cousa.

Um nome, que fosse!

O nome é segunda vida. É a vida do futuro.

Não lhe chamam glória?...

18 DE MARÇO

Maria voltou da feira sem as compras do dia.

Perguntei-lhe a causa.

Achou palavras para me dizer. Os regatões recusam receber o dinheiro que passou por minhas mãos!

Meu Deus!... Dai-me força para sofrer com resignação! Preciso dela! Sinto a razão vacilar. Por vezes já mordi nos lábios a blasfêmia que ia escapar-me.

Têm nojo do meu dinheiro! Se o tivesse roubado, o aceitariam: mas toquei-o, e o rei, que o manda correr, não protege um lázaro.

Felizmente Maria teve fome.

O instinto serviu-lhe de inteligência. Engenhou meio de comprar o necessário. Deu ao andador da Irmandade do Sacramento uma moeda de esmola.

O troco, os regatões não duvidaram recebê-lo.

19 DE MARÇO

Sai hoje pela primeira vez.

A noticia de minha enfermidade divulgou-se de um modo espantoso. Quando passava, apontavam-me de longe. Murmuravam meu nome. Paravam para olhar-me. Admiravam-se talvez de ver-me ainda feições humanas.

Realmente um lázaro não é mais um homem. Foi concebido pela mulher, mas a praga o abortou. No terror que infunde é fera; no asco que excita e verme.

Oh! não... Há um fio que ainda me prende a humanidade. É a compaixão brutal e escarninha do mundo. Mata-se a fera; esmaga-se o verme. Mas não me tiram a mim esse tênue sopro que anima um resquício de vida.

Seria um assassinato! Seria um crime! E há nada mais infame do que um crime inútil?...

Quando me lembro que tantos homens gastam sua existência numa luta incessante para haver uma sombra, que chamam fama, rio-me deles e de mim.

Os feitos do guerreiro, os livros do sábio, serviços á república, e linhagens de fidalgos, andam ignorados ou esquecidos pela turba, vária nas suas paixões. Ninguém sabe, ninguém lembra por que aquela cabeça encaneceu, por que aquela face rugou-se.

E eu tenho, sem buscar, o que tanto eles buscam sem achar! Toda a cidade repete meu nome. Que importa que esse nome seja o de lázaro? Toda a gente me conhece. Que importa que me evite?

Viver na voz dos povos, não é isso que tantos ambicionam?...

20 DE MARÇO

Era noite; sentia-me abrasar no leito.

Precisava de ar, de espaço, de movimento. Ergui-me, e vaguei durante uma hora pelas ruas já desertas. A noite ao menos traz o mistério. Perco a minha triste celebridade. Passo como uma sombra entre as outras sombras que dormem na terra.

A sede que tinha de ar, no sangue e na cabeça, levou-me à borda do mar. Fui sentar-me perto das Cinco Pontas, sobre algumas pedras que a maré deixara em seco.

A brisa fresca e cortante que vinha do largo impregnada das úmidas exalações das ondas batia-me em cheio no rosto. Banhava-me, como a veia de um rio. Aspirei as emanações salitrosas do oceano. A volúpia que eu sentia nesse respirar do ar livre, não sei se a gozarão outros colhendo beijos na boca virgem de sua noiva.

O vento!... Oh! ninguém sabe que delícias me trazem os seus acres perfumes! Que sedas e cambraias são as refegas dele para o corpo devorado da febre, quando o sangue escalda nas veias!

O vento!... É o túmulo que eu terei um dia. Quando morrer, ninguém se animará a tocar no meu corpo para dá-lo à terra. Hão de queimá-lo, porque não infeccione o ar. E as minhas cinzas então, soltas ao vento, voarão com ele sobre esse vasto e imenso oceano.

A maré começava a encher. As ondinhas debruçando-se umas pelas outras, todas forcadas de espumas, brincavam como um bando de cordeirinhos que retorça sobre a relva ao pôr do sol. Algumas espreguiçando-se pelas areias vinham lamber-me os pés e quase os tocavam.

Não sei que ilusão me alheara o es pinto. De as contemplar, de as admirar, a essas ondinhas travessas, foi-me parecendo que tinham alma, para sentir. E, de repente, ao ver que se chegavam para mim e me festejavam, enterneci-me e chorei.

Chorei, sim!... Tão órfão estou eu de afeições, que as procuro até na matéria inerte!... Tão acostumado ando a me fugirem, que já me surpreende ver um objeto ainda inanimado aproximar-se de mim, obedecendo à sua lei física.

Rompeu-me esse enleio d'alma uma voz doce e melodiosa. Soltava ela aos sopros da viração as frases singelas de uma canção.

Ergui a cabeça. A alguns passos se elevava uma pequena casa. Dela entrava pelo mar um terrado coberto de arvoredo. O vulto de uma menina, vestida de branco, se destacava na borda do jardim, onde quebravam as ondas.

Era dela a voz.

Pude distinguir ao luzir das estrelas os seus movimentos. Tinha as duas mãozinhas cruzadas sobre o peito; os olhos no céu. Rezava: eram cantos as suas rezas.

Não retive da letra mais do que esta invocação - Ave-Maria! Mas achei o verso tão simples e o ritmo tão suave, que me parece o tenho ainda no coração. Foram-se as palavras e os tons, só ficou o sentimento.

Assim, de uma flor que se desfolha, ficam no espaço ondas de perfume. Mal que terminou a sua melodiosa oração a menina voltou a casa, correndo e saltando por entre as moitas do jardim.

Também eu voltei. As ondas me expulsaram de seu leito.

22 DE MARÇO

Decorei finalmente as endeixas que tamanha impressão me fizeram, da primeira vez que as ouvi, pela sua singeleza

A menina canta-as todas as noites, ao nascer da estrela d'alva. É uma Ave-Maria graciosa e pura; inspirou-a o amor filial santificado pela religião.

Tornei a ouvi-la ontem, e hoje ainda ouço o eco a murmurejar-me dentro d'alma.

Quero escrevê-la.

Os homens ricos de prazeres e afeições, desfloram apenas as suas alegrias; quando o quisessem, não teriam tempo de estancar-lhes a última gota de essência.

Fazem como as crianças que babujam e provam de todos os frutos, e de nenhum se fartam.

Esses pródigos de sua alma não compreendem decerto a usura dos pobres e deserdados, como eu, quando Deus lhes depara no deserto da vida com um óbolo de prazer.

Avaro de sua migalha, que lhe é tesouro, não se cansa de a gozar; vive nela, sonha dela. Quer senti-la por todos os modos e a todos os instantes.

Assim fui eu com aqueles versos, que muitos acharão mesquinhos; mas, ou fosse pela voz harmoniosa que os dissera, ou pelo desvelo e saudade que respiravam, ou pela cadência suave do ritmo; me infundiram não sei que doce melancolia.

É outra Cousa que os felizes não compreendem. Como a melancolia é supremo júbilo para as almas imersas num continuado descrer e numa acerba tristeza.

Mas a canção... Não me saciei de a escutar, de a recordar, de a repetir às vagas que rumorejavam na praia. Quero senti-la pelos olhos. Já a ouvi tantas vezes, ainda não a vi.

Esquecer-me-ia?...
Não! - lembro-me...
Ave, Maria! Ave, estrela,
Formosa estrela do mar!
Dá-me novas de meu pai,
Que se foi a navegar.
Por esses mares dalém
Vai seu brigue a bolinar.
- Leme á orça! Molha a vela!
E deixa o vento soprar.
A borrasca o não assusta:

Não se teme de afrontar;
Mas eu que temo por ela
Vivo somente a rezar.
Fio de ti, minha estrela,
Que o protejas sem cessar.
Faz que bem cedo ele possa
A minha mie abraçar.
Dá-lhe tempo de bonança,
Mares de leite a surcar;
Vento á feição, quanto baste
Para depressa chegar.
Ave, Maria! Ave, estrela,
Formosa estrela do mar!
Cheia de graça tu brilhas
A quem te sabe adorar.

Onde aprendeu aquela menina esta oração?... Quem lha ensinou? Por que a diz ela todas as noites?

23 DE MARÇO

Cuidava que não podia haver maior isolamento do que o meu. Iludi-me. Agora é que o isolamento começa.

Luíza parte; seu marido deixa Pernambuco: vai-se a Lisboa.

E a causa sou dessa mudança. O que ainda me restava de família abandona a pátria, para quebrar os laços de sangue que nos prendem. E justo: é generoso também. Deixem-me, a mim só, o desprezo que inspiro. Não o quero partilhar. Basta eu para sofrê-lo.

Oh! ainda me resta o orgulho da miséria. E uma dignidade como tantas outras, e um egoísmo, como os há poucos.

Minha irmã negou tudo. Deu-se a tratos para convencer-me que os interesses de seu marido eram a causa única dessa partida.

Pobre Luíza! Mentia.

Que desgraçado ente que eu sou!... Não faço sofrer só aos que me amam; obrigo-os ainda a se rebaixarem.

29 DE MARÇO

Voltava de ver sumir-se no horizonte o navio que levou-me Luíza.

Cheguei a casa. Pela janela aberta olhei o vulto da cidade a colear pela margem do rio, e disse de mim para mim pensando na gente que a habita:

- Estou só!

E me enganava ainda. Mal tinha murmurado aquelas palavras, veio Maria. Falou, o que raro sucedia. Pela primeira vez, cuido eu, disse uma cousa que se entendesse. A repulsão que eu inspiro, foi-lhe raio de luz, na treva espessa de sua alma.

Pediu-me que a vendesse. Não mais quer servir-me... Tem medo do contágio...

Senhor!... Senhor!... - A Vossa misericórdia é infinita, como a Vossa bondade inexaurível! E não chega para o aflito de mim, nem um óbolo sequer! Vergai-me sob o peso da Vossa cólera, mas dai-me fé e resignação: e eu Vos louvarei, meu Deus, na plenitude da minha dor.

Tenho eu culpa, se me criastes ente de razão? Por que me destes a inteligência? Não a tivera, que esta carne se iria consumindo no roer das úlceras, sem que soltasse uma queixa! Amparai-me, Senhor, amparai-me contra mim mesmo! Tenho medo de descrer!

29 DE MARÇO

Do profundo da minha angústia clamei ao Senhor, Ele me ouviu, e enviou à terra um anjo para ungir-me da sua fé.

Santa cousa é a inocência!... Será que a alma pura e ignorante deste mundo está mais impressa do seio do Criador, e mais próxima de seu berço? Quem pode saber, e quem dizer, se o que chamam razão, não é enfermidade do espírito preso à terra?

Naquela tarde aziaga, que me se parou de Luiza, tomou-me o desespero e levou-me sem tino por essas ruas além. Vaguei, como animal, perdido do dono, e que todos enxotam. A mim, enxotavam-me de mim mesmo ânsias de acabar com tanto penar. Tinha horror à vida.

Ouço alarido: e logo vejo, a correr espavorida pelo caminho, a gente que passava. Ser de mim que fugiam, foi o que primeiro cuidei; mas vinham de meu lado, e nem me viam. Voltando-me conheci qual a causa era do alvoroço. Um cão espevitado que ia duma para outra banda, mordendo quem encontrava.

Bem claro percebi, quanto já não era deste mundo, pois daquilo fugia ele, que eu andava a procurar. Fui-me direito ao animal. Mas até o sabujo me tem asco. Parou bem junto de mim; roçou por mim e foi perto morder um pobre velho, a quem tardo levavam as pernas trôpegas dos anos.

Cheguei-me a ele, de quem já todos com medo se arredavam; e carregando-o nos braços, levei-o para a tenda do ferreiro mais próximo, onde lhe queimei a ferida com ferro em brasa. Mal se aplacou a dor, e soube o velho quem eu era, repeliu-me de si como uma causa vil, e foi-se, sem voltar o rosto.

Quanto horror lhe causei!

1 DE ABRIL

Tornei às Cinco Pontas para ver a casa da menina da Ave-Maria, e ouvi-la cantar a sua oração de todas as noites.

Era lusco-fusco; e não me animei a aproximar da praia com receio de que vendo-me, reconhecesse o miserável que sou e de quem todos fogem.

Os outros, já não estranho. Tão habituado estou à crueldade do mundo; mas ela?... não quero ser-lhe um objeto de repulsão. Ignore para sempre que existo, e possa eu de longe, em silêncio, contemplá-la, como a estrela do céu a que dirige sua prece.

Quando ela acabou de cantar, sentou-se no terrado, junto de uma roseira de Alexandria que estava coberta de flores, e ficou olhando o mar, onde com a ardência se esfacelavam as vagas em chuva de pedrarias cintilantes.

Tinha de todo caído a noite; e já fazia bastante escuro, para que me pudesse aproximar sem receio. Avistou ela meu vulto, pois senti que seus olhos se fitavam nele; e não sei o que foi de mim, que não me lembrei mais onde estava, nem se vivia ainda neste vale de lágrimas.

Do que só me recordo é de encontrar-me, em tornando a mim, posto de joelhos, a soluçar um pranto em que parecia ir-se toda a minha alma. Quanto tempo estive assim, não o poderia dizer, nem o como isso sucedeu, tão alheio fiquei deste mundo e de suas misérias.

Deitei a medo os olhos para o terrado. Uma sombra alva perpassava entre as moitas do terrado. Era ela que recolhia-se vagarosamente.

Será possível, mãe, que eu ame neste mundo outra criatura com as abundâncias do coração e a santidade com que sempre te estremeci?...

2 DE ABRIL

Meu Deus!.. . Meu Deus! calcastes sobre mim, pobre verme da terra, a Vossa mão onipotente, e eu não murmurei.

A peste soprou em minhas veias seu hálito de chamas, que me requeima o sangue e devora as carnes. Meu corpo, o que é senão um crivo de dores, e um inferno onde me abraso em vida?

Tudo sofrerei resignado. Mas, Senhor, poupai-me a esse cruel martírio! Sentir-se a gente vil para aquela a quem vota seu amor!... Parece-me que ainda não tinha sofrido toda a degradação de minha pessoa. Contra a repulsão do mundo revoltava-se minha alma que o despreza como a um ventre de misérias. Contra o nojo que às vezes tenho de mim mesmo, consola-me o pensamento de que meu ser purifica-se nessa chama em que abraso-me.

Mas contra ela, que posso eu senão abater-me no pó, e sumir-se como uma causa hedionda em que não devem pousar jamais os seus meigos olhos?

Que tremendo suplício, mãe! Ter n'alma um afeto grande e imenso; porém nesse afeto uma abjeção maior que ele, uma vergonha que o remorde e o acabrunha!

Para que enviou-me o céu este afeto? Pensava eu, mãe, depois que te partiste, que de mim, deste ente votado ao sofrimento e à desgraça, já não podia sair uma doce efusão, mas somente a paixão cruel e implacável como a lepra que me corrói.

6 DE ABRIL

Sei-lhe o nome!

Foi esta noite. Lá estava ela, no terrado, olhando o mar, onde se escondera a zela branca do navio de seu pai.

Uma voz, era a de sua mãe, soltou o nome de Úrsula. Ergueu-se ela, e caminhou para a casa, dizendo com um modo brando e sossegado:

- Aí vou, mãe.

Úrsula!... Que suave encanto acho eu neste nome, que dantes nunca em. mim despertou a menor atenção. Ouvia-o como um som qualquer; não passava de uma palavra indiferente. Agora canta em minha alma como celeste harmonia, que me inunda todo o ser de júbilo.

Os sussurros da brisa, os murmúrios das ondas, as vozes do céu e da terra repetem para mim o mavioso nome, que me envolve em uma bem-aventurança.

Nos momentos em que a alma exubera e subleva-se com o esta do contentamento ou da mágoa, manam as abundâncias da paixão, em poemas e hinos.

Não careço eu de poesias, nem descantes, para transbordar as santas alegrias que me enchem o coração. Basta dizer baixinho, entre Deus e mim, o nome dela.

10 DE ABRIL

Ainda não tornei do abalo!

Não quisestes ouvir a minha prece! Como a Vossa cólera é implacável, Senhor, que um só instante não se retira deste punhado de limo!

Era-me consolo em meio das tribulações, aquela inocente devoção de adorar de longe entre as sombras da noite, o formoso vulto de Úrsula; e tanto Vos supliquei arredásseis de mim os olhos dela, para não perceber-me no suave enlevo de a contemplar.

E esse consolo me negastes!

Ela reparou na minha insistência, e desde aí não voltou ao terrado, nem lhe vi mais que a sombra, quando canta da janela a sua Ave-Maria.

12 DE ABRIL

Apareceu esta noite.

Como costumava, rezou a sua oração da tarde, e ficou no terrado com os olhos engolfados no horizonte.

Eu que me havia escondido atrás de um coqueiro, para não assustá-la outra vez, como a visse distraída, criei ânimo para chegar-me e vê-la de mais perto.

De repente voltou-se ela e pondo em mim seus olhos, que me deixaram transido e quedo, sem acordo para fugir, quando tudo eu dera para sepultar-me ali na terra, e subtrair-me à sua vista.

Ela, em vez de esquivar-se, como antes fizera, reclinou-se ao balaústre, e começou a desfolhar os botões da roseira, soltando à fresca brisa do mar as pétalas que vinham farfalhar-me no rosto.

Por instantes fiquei sem outro sentido, que não fosse uma delícia como nunca tive, nem cuidei que se pudesse gozar na terra, pois me parecia estar no céu, afagado pelas asas dos serafins do Senhor, a brincarem-me entre os cabelos e a borrifarem-me as faces de angélicos sorrisos.

Eis que no meio desse êxtase de ventura, caí em mim arrojado ao abismo da minha miséria, como Satanás submergido nas trevas pela mão do Sempiterno!

Lembrou-me quem eu era, e o horror de mim mesmo espancou-me daqueles lugares.

Ainda o trago comigo! Ah! mãe, porque não estás aqui a meu lado para reerguer-me desta abjeção em que me sinto. Tua palavra me daria força para exaltar esta alma abatida. Ao calor de teu seio, creio que se havia de regenerar esta natureza pusilânime.

15 DE ABRIL

Vejo-a todas as noites.

Sempre recostada ao balaústre, esfolhando ao vento as rosas fragrantes, entretêm-se nesse brinco inocente até a hora de recolher.

Sabe ela que eu a devoro com os olhos, cá do meu refúgio?

Às vezes receio que se tenha apercebido da minha presença constante naquele sítio; e é quando reclina-se mais no balaústre, e estende o colo, como se procurasse afirmar-se do que entrevira.

Nessas ocasiões coso-me ao tronco do coqueiro, e deixo-me ficar sem movimento pelo resto da noite, até que recolhida ela, me posso esgueirar para casa.

16 DE ABRIL

Meu Deus! Meu Deus! Dai-me força para resistir-me, pois ma destes para sofrer este suplício atroz.

Ela, Úrsula, me conhece!

Esta noite, quando me esquecia a contemplá-la, seguro de mim, vi-a acenar com a mão, como se me chamasse! Duvidei que me pudesse ter descoberto ou sequer pressentido. Mas ela insistiu, e como não lhe obedecesse, enfadou-se.

O que se passou em mim, e qual poder oculto dominou meu ser, que sem vontade, nem consciência, atirou-me de joelhos em face do terrado, com as mãos súplices e a fronte abatida, implorando com paixão para a minha infinda angústia?

Esteve Úrsula algum tempo a olhar-me, entre surpresa e aflita. Mas por fim ajoelhou também, erguendo as mãos ao céu, e eu ouvi o sussurro da sua prece.

Era por mim que rezava?

Não ouso crer. Depois que te partiste, mãe, lá na mansão em que habitas, acaso viste subir a Deus uma súplica, uma só, por este desgraçado?...

20 DE ABRIL

Infame sou eu, que de minha hediondez ousei erguer os olhos para a mais bela das criaturas de Deus.

Como foi isto?... Como foi que me não acometeu o horror que ainda me transe neste momento? Por que me não fulminastes, Deus de Misericórdia, quando sem tento de mim, transpus a distância que me separava dela?

Mas não fui eu, que morreria ao primeiro passo... A insânia que me arrancava a mim mesmo, apoderou-se deste esqueleto vil, e arrastou-o miseravelmente ao sopé do terrado.

Ao ver-me ali perto de si, Úrsula debruçada à balaustrada, começou a desfolhar as. rosas sobre minha cabeça, rindo faceiramente de sua travessura..

Disto não tenho mais que uma vaga e tênue reminiscência, pois meus espíritos ainda estavam nesse momento alheios de mim com a grande torvação.

Colhia ela as rosas que me atirava e eu recolhia em meu seio. Correram assim as horas da noite, sem que as sentisse.

24 DE ABRIL

Todas as noites, as tenho passado naquele doce enlevo!

Ali, próximo a ela, sinto-me como outrora quando me recolhias em teu regaço, mãe, e à força de carinho me acalentavas a dor horrível.

Como teus braços outrora, cinge-me o olhar de Úrsula, e me envolve. As folhas das rosas, que ela esparge sobre mim, são carícias tão doces como eram teus beijos, mãe, quando derramavas em meu seio o bálsamo santo da tua alma.

Horas e horas ficamos ali, mudos a olhar-nos, eu repassando-me de sua imagem, ela talvez admirada, em sua ingênua isenção, do meu estranho pasmo.

Ontem, sem o sentir, rompeu-me da seio o seu nome, que meus lábios repetiam submissos, uma e muitas vezes, como as palavras de uma oração. Interrompeu-me a voz de Úrsula.

- Acha bonito meu nome?

Naquele instante não atinei o sentido das palavras, tão absorto fiquei a ouvir a voz melodiosa que falava. Mas quando entendesse, podia eu exprimir em linguagem o que se passava em meu ser, e pronunciar seu nome?

Movi a cabeça maquinalmente como se dissera: sim.

- E o seu? Qual é? perguntou-me ainda.

Meu nome?... Há no mundo para os desgraçados como eu outro nome que não seja o de miserável?... Tive outrora um; nem já me lembro qual fosse, pois há tanto tempo que ninguém o chama! Para ti, mãe, eu era o filho; para o mundo, o lázaro!

Não se abriram meus lábios, porém com o gesto supliquei-lhe silêncio.

Teve ela sombra do horrível mistério, que reclinou a fronte merencória? Não; se a menor suspeita passasse em seu espírito, a houvera espavorido.

Sua tristeza foi sem dúvida por não ver satisfeito seu desejo. As crianças são assim, tiranas e absolutas em seus caprichos.

27 DE ABRIL

Não mais voltarei àquele sítio! Não mais profanarei com a minha presença o olhar puro e santo do anjo que se comiserou de mim!

O mau espírito apoderou-se deste abjeto esqueleto, e fez dele um inferno. Revolvem-se em meu seio pensamentos que me enchem de pavor.

Quando há duas horas cheguei à praia, não vi Úrsula no lugar do costume, o que deu-me ânimo para aproximar-me bem perto do terraço, na impaciência de entrevê-la através da folhagem.

Ela que se tinha escondido para surpreender-me, logo se debruçou no gradil, e estendeu para mim uma rosa que tinha na mão.

Pus-me de joelhos para recebê-la como uma graça celeste. Mas Deus poupou-me a essa infâmia, abatendo sobre mim a sua cólera. Caí, prostrado ao chão, escondendo o rosto na poeira da terra.

E fugi como um louco!...

Como pôde esta miserável carcaça que me deu o Criador para repasto dos gusanos, como pôde conceber o vil desejo de tocar com a sua hediondez a mão pura e imaculada da formosa donzela?

Deus fez o homem do limo da terra; da sandice, só tirou as vespas. Mas o virulento inseto apenas destila veneno; e o meu contágio é mais do que a peste; porque não só mata o corpo, como também a alma. É o contágio da abjeção.

Ah! os felizes que morrem à vida levando a estima do mundo, não sabem o que é esse frio assassínio duma alma, que o mundo lapida, como se ela fora um perro danado, e cujo despojo lança-se ao monturo, e queima-se para não contaminar os ares!

28 DE ABRIL

Tinha jurado não voltar ao eirado; e voltei arrastado por uma força a que não posso resistir.

Parecia-me que estava atado ao leito da dor, onde todo o dia me revolvi em uma angústia cruel, e todavia, ao toque de trindades, sem que desse tento de mim, caminhava como um espetro para aquele sítio, onde me disputam o céu e o inferno; porque ali está a fonte de meus júbilos e o antro de meus sofrimentos.

Assomava a lua no horizonte, como uma sultana a recostar-se nos estofados coxins de brocado azul, recamado de branco. Nas folhas dos coqueiros passava a brisa sutil, ramalhando as verdes palmas.

Da terra, bordada de quintais e granjearias, se exalava, como de uma caçoula, a suave fragrância do campo. O mar dormia em bonança; e o colo da onda arfava mansamente, como o seio da criança engolfada em sonhos ridentes.

Derramava-se no espaço uma doçura inefável, que parecia manar do céu em um jorro de luz alva e macia. Parecia-me às vezes que eu sugava no teu peito, mãe, um sorvo de leite vigoroso, que me infundia saúde e contentamento.

Nunca em minha vida, tive eu tamanha sede de ventura; também nunca a fortuna escarninha aproximara tão perto de meus lábios a taça falaz.

Ávido precipitei-me sobre ela, e pior que Tântalo, a quem o destino apenas retraía o fabulo, a mim trocou-o no mais negro fel.

Traguei a minha própria peçonha; e não morri, não, porque a morte seria uma redenção, e eu não expiei ainda toda a minha culpa de haver nascido, para ser um arremedo de homem...

29 DE ABRIL

Não pude acabar ontem. Embruteceu-me o desespero, se não é que empederniu-me; pois nem gemer eu podia como a besta quando sofre...

Que medonho transe!

Tinha-me eu embuçado na sombra das árvores, que serviam de manto escuro, e não deixavam que ela entrevisse mais do que um vulto. Meu semblante, se o descobrisse à claridade da lua, não resistiria à hedionda catadura do maldito!

Do seio da terra, que é o meu só regaço, mãe, depois que perdi o teu, onde me conchegava no delírio da dor; dás entranhas da noite, onde se gerou o aborto de peste que eu sou, estava alheio de mim na contemplação de Úrsula.

Eis rasga-se a escuridão e vomita sobre mim uma chama do inferno. Alaga o rúbido clarão todo o arvoredo, e cinge-me de uma labareda sinistra.

Corro; mas além está o luar alvacento, que amortalha-me em fantasma. Volvo esvairado sobre os passos, e entro de novo na flama vermelha que me persegue como a língua de Satanás.

Nisto surge o corpo alquebrado de um velho e afasta-se horrorizado.

- É o lázaro!... É o lázaro!...

Ainda ouvi o grito de angústia que despedaçou a alma de Úrsula, mas vindo doutro mundo diverso daquele onde eu estava. Do mais não soube, até as alvoradas que me acharam estremunhando na

vasa onde eu jazera o resto da noite; da noite dos outros, que não desta contínua e perpétua que se estende sobre minha vida.

Mas até o sono do jazigo me rouba a sorte ímpia.

30 DE ABRIL

Lembro-me agora! O velho, é o mesmo que me repeliu, quando eu o acabava de salvar do cão danado. Daquela vez tinha razão: meu contacto o enchia de horror; mas desta, que mal lhe fiz para me precipitar nesta voragem do desespero?

4 DE MAIO

Sei tudo!...

O velho é avó de Úrsula. Percebeu sem dúvida o aparecimento naquele sítio de um vulto suspeito, e quis reconhecê-lo.

Acendeu a fogueira, que devia esclarecer a minha figura, e fugiu aterrado, por si e pela neta.

Não lhe quero mal por isso.

Salvar a filha de seu sangue é um dever de todo o homem. Em seu lugar eu faria mais. Exterminaria ali mesmo o pestiferado para que nunca mais ousasse envenenar o ar que ela, a inocente, respirava.

Úrsula não tornou, e eu rogo a Deus que não me apareça nunca mais. Assim terei ao menos o consolo de olhar os muros que a escondem à minha vista, mas não ao meu coração. Presente ela, ,nunca ousarei eu aproximar-me daqueles sítios.

O horror a afastou para sempre. Ainda bem! Ao menos não receberei dela o asco e desprezo que o mundo arremessa sobre mim; e poderei guardar dentro em minha alma, doce e com passiva, a linda imagem que me sorriu um dia através das agruras de uma mísera existência.

6 DE MAIO

Misérrimo de mim!... Despedacei a flor que desabrochara entre as urzes de minha alma, e derramava nela o seu mago perfume!...

Apaguei a estrela que rompera um instante a procela de minha vida, para infundir-me no seio uma luz celeste!

Úrsula anseia nas vasas da agonia e fui eu que a matei; foi o horror de minha miséria que a assassinou.

Quando pressenti a fatal nova, pela agitação que ia na casa, perdi toda a razão, e precipitei-me pelos aposentos em busca da câmara onde se finava a minha única e fugaz alegria deste mundo.

Perceberam-me os da família; e esquecendo um instante a sua dor, esbordoaram-me com tamanha ira que ali caí sem espírito, com o corpo macerado.

Despertou-me uma reza cantada ali perto, e as luzes das tochas que desfilavam pela praia.

Era o enterro de Úrsula.

Levaram-na à Igreja de São Pedro Gonçalves. Vi deporem seu ataúde na essa rodeada de tocheiros e guardada pelas beatas.

A meia-noite voltarei.

6 DE MAIO

Introduzi-me na igreja por uma janela baixa da sacristia, cuja grade estava carcomida.

Vendo à luz baça dos tocheiros assomar um vulto, as beatas fugiram assombradas. Fiquei só ali em frente do ataúde.

Nesse momento Úrsula me pertencia; ninguém a disputava à minha adoração.

Como era bela no eterno sono em que repousava do mundo e de suas misérias! Tinha nos lábios aquele mesmo sorriso que derramava sobre mim, agora tocado de um reflexo lívido. Estava branca e imaculada como os anjos; eram níveas como as faces as rosas que lhe cingiam os bastos cabelos crespos.

Quis beijá-la e recuei!... Ainda morta, e brevemente pasto dos vermes, não ousei profanar o despojo santo da formosa criatura.

Nesse momento ouço rumor do lado da sacristia. É a gente curiosa que vem trazida pelas beatas, para espancar o espetro. Querem roubar-ma outra vez!...

Mas não o conseguirão! Hei de disputá-la até aos vermes e ao pó da terra.

Cingindo ao peito o corpo de Úrsula, arrojei-me fora da igreja, e vim depositá-lo aqui, onde ninguém ousará perseguir-me. As portas estão escâncaradas, dia e noite, batidas pelo vento; guardadas porém uma fera mais terrível que Cérbero, a peste.

Agora sim, Úrsula, tu me pertences para sempre, como eu a ti.

Que se passa?

Ouço a plebe a rugir lá fora; uma chama súbita enrosca-se pela treva como o dragão.

Compreendo: deitaram fogo à casa para exterminar o maldito!

Graças, meu Deus! Este fogo me redimirá da maldição que pesa sobre mim, e purificará meu ser. Assim ao menos poderão minhas cinzas se unirem com as de Úrsula!

Bem-vindas, chamas amigas! Aqui estamos; cingi-nos, abraçai-nos, para que em vosso seio fecundo, celebremos as núpcias da eternidade.

9 DE MAIO

Eis-me outra vez no mundo e só... Só, não; que me acompanham ainda e sempre o meu desespero, e a sanha do mundo.

O fogo não me quis; teve asco de mim, como tivera o mar, e o cão danado. Não ousou tocar-me; tal é a repulsão que derramo em torno.

Com o incêndio abateu-se uma parede do aposento em que me achava, levantando a extremidade oposta do soalho com tal violência, que me arremessou pela janela em cima de um telhado, donde escorreguei ao chão.

Só pela madrugada pude arrastar-me ao montão de ruínas e deitar-me no brasido onde jaziam as cinzas de Úrsula.

Daqui, desse mesmo lugar que ninguém disputaria a um cão, expulsou-me o ódio da gente.

. . . .

Assim terminava o canhenho do lázaro. Expulso do Recife, pela plebe irritada com os últimos sucessos, refugiou-se na casa abandonada de Olinda, onde terminou afinal a imensa e cruel agonia de uma existência nunca vivida, mas tão penada.

****

SOBRE AO AUTOR E SUA OBRA

JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR nasceu em Mecejana, Ceará, em 1º de maio de 1829, e faleceu no Rio de Janeiro em 12 de dezembro de 1877. Bacharelou-se em Letras no Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, e em Direito na Faculdade de São Paulo. Em 1847 escreveu seu primeiro romance, "Os Contrabandistas", que jamais foi publicado porque Alencar tinha um hóspede desatendo que acendia o cachimbo com as folhas manuscritas da obra.

Formado em Direito em 1850, transferiu-se para o Rio de Janeiro onde iniciou sua carreira de advocacia e começou a colaborar no "Jornal do Comércio". Em 1856 escreveu "Cartas sobre a Confederação dos Tamoios", o que lhe valeu a projeção nos meios literários a partir de então. Além de advogado, jornalista e romancista, foi professor, orador, crítico, deputado em várias legislaturas e Ministro da Justiça em 1868. Patrono da cadeira número 23 da Academia Brasileira de Letras.

José de Alencar não conseguiu realizar a ambição que nutriu, de tornar-se senador. E politicamente experimentou o desgosto de memorável desentendimento com o Imperador. Ganhou lugar em nossa História como romancista, fundando o romance histórico nacional.

De sua vasta obra fez Manuel Bandeira uma classificação de acordo com o gênero de seus romances:

Romances mundanos:

"Cinco Minutos", "A Viuvinha", "A Pata da Gazela", "Sonhos d'Ouro", "Diva", "Lucíola", "Senhora", onde fixou tipos e a vida da corte no século passado.

Romances históricos:

"As Minas de Prata", "A Guerra dos Mascates", "O Garatuja" "Alfarrábios"; regionais: "O Gaúcho" e "O Sertanejo"; sociais: "Til", "O Tronco do Ipê".

Romances indianistas:

"O Guarani", "Iracema" é "Ubirajara". Como teatrólogo: "0 Demônio Familiar"; "Mãe"; "Verso e Reverso"; "As Asas de um Anjo"; e "0 Jesuíta".

José de Alencar introduziu o indianismo na prosa, o que já fizera Gonçalves Dias na poesia. De admirável poder descritivo, soube retratar a nossa natureza com cores maravilhosas. Seu estilo é retórico e brilhante, porém, descuidado na gramática, com que, ao lado de palavras do tupi-guarani, procurou criar a língua brasileira. Bateu-se também pela autonomia da nossa literatura.

0 romance "**0 Guarani"** apesar de não ser o mais importante é um dos mais populares, tendo sido inclusive aproveitado na ópera de Carlos Gomes, O Guarani. Esse romance apresenta o consórcio do povo invasor, o europeu, com o Indígena. Esta afirmativa vem simbolizada no romance através da fuga, durante a enchente, de Peri e Ceci, onde assistimos à confissão de amor de ambos. Este fato comprova o intercâmbio feito entre as duas raças que inicialmente compuseram a nossa etnia.

O romance O Guarani, além de ser um romance histórico, traz como personagem, a família de D. Antônio de Mariz, personagem real. A natureza em José de Alencar tem um tratamento de exaltação extrema, para valorizar a terra - numa defesa da tese nacionalista de valorização do homem e da terra pátria. As suas descrições da natureza são infindas, sempre ressaltando a riqueza da fauna e da flora principalmente.

A estrutura do romance, em Alencar, já é bastante diferente da estrutura dos romances de Macedo, pois o autor desenvolve vários planos narrativos simultaneamente. As técnicas de exposição aplicadas nos seus romances são: a descritiva, usada em excesso, porém, constitui um documento fiel dos usos e dos costumes da época. Também a narração é bastante representativa e o diálogo aparece em escala menor. A obra de Alencar é de valor e seus romances não são de um diletante, pois quando chegam ao público o fazem com um grau bastante considerado de maturidade. Sabemos que foi um incansável ledor e conhecedor "in loco" da natureza brasileira. Tinha grande cultura e erudição. Para composição dos romances históricos lia crônicas coloniais. Sofreu Influência dos românticos ingleses e franceses.

José de Alencar fez uma elaboração de um grande romance histórico (Os Contrabandistas começado por volta de 1847, mas não concluído), acabou por estrear com um "romancete" **Cinco Minutos,** publicado, anonimamente, em folhetins do Diário do Rio de janeiro, e escrito à pressa, tão-só para atender ao gosto do público, desde A Moreninha, de Macedo, cada vez mais interessado em "histórias" sentimentais vividas por moças da sociedade carioca.

CINCO MINUTOS

O romancete de estréia era apenas uma "história curiosa", ocorrida há dois anos com o Autor anônimo do folhetim, e relatada à sua prima D. . ., interessada em saber os motivos Por que ele, jovem, rico, elegante, disputado pelas moças da sociedade do Rio de janeiro e, em matéria de conquistas um dos célebres "leões" dessa sociedade, desaparecera da Corte.

Tendo perdido - começa o Autor a sua história - por cinco minutos, o "ônibus" para Andaraí, teve de esperar o seguinte; e neste aconteceu encontrar uma estranha mulher, cujas feições não conseguira definir, pelo véu que lhe ocultava o rosto, mas que lhe parecera jovem e bela. Abordando-a, teve a surpresa da correspondência de um furtivo aperto de mão. Animado por essa correspondência e intrigado com o mistério que parecia envolver a vida de tal mulher, tentou abordá-la diretamente; mas nesse momento ela saltou da carruagem e lhe deixou uma frase tão intrigante quanto seu parecer, - non ti scordar di me (da ópera **O Trovador**, de Verdi, então nos palcos cariocas).

Seduzido pela figura da enigmática mulher e por tudo que de estranho revelava seu comportamento, empenhou-se, durante dias, na sua conquista; e - após vários incidentes, que foram verdadeiras peripécias, que contribuíram para tornar ainda mais excitante a situação em que se envolvera, veio ele, o Autor, a conhecer a misteriosa mulher: tratava-se de uma jovem que, na realidade, correspondia em beleza e ainda em retribuição de amor, a tudo que ele imaginara; chamava-se Carlota, tinha 16 anos, há tempos o amava, sem que ele soubesse, e a ele já teria oferecido seu destino, não estivesse condenada, por insidiosa doença (tuberculose). Mais peripécias, motivadas pela fuga de Garlota, na companhia da mãe, em busca de climas que lhe restituíssem a saúde (Petrópolis e depois a Itália) e também para se afastar de uma paixão em que sabia que sacrificaria o amado.

Mais forte, entretanto, que as razões de Carlota, era a paixão do Autor: vencendo dificuldades de toda ordem, o que tomou ainda mais empolgante sua conquista, conseguiu chegar a Nápoles, para dar à amada, já no fim de sua breve existência, pelo menos o conforto de uma assistência afetiva e moral. Passados alguns dias, num melancólico entardecer, Carlota, quase a morrer, pediu-lhe que sorvesse, num primeiro e último beijo, a sua alma... ; e nesse momento operou-se (como depois explicaram os médicos) um verdadeiro "milagre do amor". Carlota reviveu; e passado algum tempo, recuperada a saúde, casou-se com seu amado.

Completada uma venturosa viagem de núpcias, pela Europa, de que trouxeram ambos as mais belas e inesquecíveis recordações, vieram a esconder e preservar sua felicidade conjugal, num lindo retiro, numa montanha de Minas, donde o Autor, então, escrevia à prima, contando-lhe a história de amor que, sem dúvida, fa-la-ia compreender a razão de seu desaparecimento da sociedade carioca, em tudo, mas principalmente pela falsidade dos sentimentos, contrária à verdadeira e pura felicidade matrimonial.

Terminado o romancete (a expressão é do próprio José de Alencar) estava, evidentemente, satisfeita a curiosidade da prima, e - é de crer - o gosto dos leitores por tal gênero de leitura, o que é de concluir, pois o folhetim teve o seu êxito.

Animado por tal êxito, mas também pela facilidade com que lhe corria a imaginação e a pena, no desenvolvimento de uma história sentimental, "ocorrida" na sociedade carioca, José de Alencar lançou-se, logo a seguir (janeiro e fevereiro de 1857), à publicação, no mesmo jornal, de outro romance em folhetins - A Viuvinha, muito naturalmente no gênero do anterior.

A VIUVINHA

É a "história" de dois jovens (Carolina, de 15 anos, e Jorge, de 24), que, embora se amando intensamente e com todo o direito desse amor, tiveram de vencer toda sorte de reveses, para chegar à merecida felicidade do matrimônio; ou para usar de uma interpretação do próprio Autor: o romance da Viuvinha era, em síntese, a história da "felicidade depois de cruéis e terríveis Provações". Quanto ao gênero, fazia questão de dizer o Autor, que continuava anônimo, não se tratava de um romance, isto é, de obra de ficção, inventada e campanuda, mas apenas de uma narração "simples e fiel de uma pequena história". Quanto ao estilo era, mais uma vez, uma conversa do Autor com sua prima D... .

José de Alencar resolve, em 1857, escrever peças de teatro. O Jesuíta, a mais ruidosa de suas peças, escrita em 1875, pertencem a Alencar: "Verso e Reverso", comédia em dois atos; "0 Demônio Familiar" (1857), "As Asas de uni Anjo" (1860), comédia; "Mãe" (1862), drama; "A Expiação" (1865), comédia; "O Crédito" (1867). Em, 1860, escreve uma comédia lírica em dois atos "Noite de São João", um tipo de opereta, que recebeu música do maestro Elias Lobo.

Seus romances constituem a parte mais importante e extensa de sua obra: "O Guarani(1857), "Cinco Minutos" (1860), "A Viuvinha" (1860), "Lucíola" (1862), "Diva" (1864), "As Minas de Prata" (1864-1865), "Iracema" (1865), "O Gatíclio" (1870), "A Pata da Gazela" (1870), "0

Tronco do Ipê (1871), "Sonhos D'Ouro" (1872), "Til" (1872), "Alfarrábios" (1873), "A Guerra dos Mascates" (1873-1874), "Ubirajara" (1874), "Senhora" (1875), "O Sertanejo" (1876) e "Encarnação" (1877).

José de Alencar realizou unia obra romancística que abarca toda a realidade brasileira. O indianismo está presente em romances como "0 Guarani", "Iracema" e "Ubirajara".

O urbanismo, a apresentação de tipos e problemas urbanos, está retratado por "A Viuvinha", "Cinco Minutos", "Lucíola", "A Pata da Gazela", "Sonhos D'Ouro", "Encarnação" e "Senhora", seu último e mais representativo romance da realidade urbana.

No campo do romance regionalista Alencar contribuiu com "O Gaúcho", "O Tronco do Ipê", "Til" e "O Sertanejo", e no ao romance histórico aparece com "As Minas de Prata" e "A Guerra dos Mascates", principalmente.

O Guarani
(um romance brasileiro)

"EPOPÉIA DA FORMAÇÃO DA NACIONALIDADE" Dom Antônio de Mariz, fidalgo português residente no Brasil, que não se conformava com a dominação espanhola, após perder Portugal a sua independência política, em 1580, construiu uma ampla e espaçosa casa no sertão, às margens do rio Paquequer, afluente do rio Paraíba.

A casa era verdadeira fortaleza, protegida por muralhas de rocha a pique. Dom Antônio de Mariz vivia em companhia da esposa, Dona Lauriana, de seus dois filhos: Dom Diogo de Mariz e Cecília, a qual tinha então 18 anos; de seu escudeiro e amigo A ires Gomes; de uma sobrinha, Isabel (que todos sabiam ser filha natural de Dom Antônio e de uma índia), e de um fidalgo chamado Álvaro. Além desses personagens, havia, a serviço de Dom Antônio, um grupo de aventureiros, destacando-se entre eles Loredano, um ex-frade. Aparece, logo nas primeiras páginas do romance, o Índio Peri, da nação Goitacá, que se torna companheiro e protetor de Ceci e da família desta. Dom Diogo de Mariz matara casualmente uma índia da tribo Aimoré. Este fato exaspera a família da índia que pretende vingar-se. Espreitam a casa, e, aproveitando-se do banho de Cecília e Isabel em águas do Paquequer, pretendem flechar Cecília, quando Peri, vigilante, mata-os.

Uma índia, que a tudo assistira, foge e vai contar aos de sua tribo: esse é o motivo da guerra que os selvagens vão mover a Dom Antônio de Mariz. Loredano, quando ainda era frade, havia conseguido de um moribundo, o roteiro das famosas minas de ouro de Robério Dias e, impulsionado por desmedida ambição de enriquecer, deixou o hábito monacal com o fito de

procurar o tesouro. Está com empregado de Dom Antônio temporariamente; seu plano é assaltar a casa e no momento oportuno; mataria todos (menos Cecília pela qual sente forte paixão e que ambiciona fazer sua esposa) e, em seguida, explorar o ouro das minas de Robério Dias.

Através de tramas diabólicas, aliciando-se como comparsa aos outros aventureiros, tentará por todos os meios concretizar seus planos que, entretanto, sempre falham, graças à vigilância de Peri que não perde Loredano de vista. Álvaro ama Cecília, que não lhe corresponde. Isabel é que nutre grande paixão por Álvaro e se tortura de ciúmes vendo a atenção que Álvaro dá à prima. Aos poucos, no decorrer do romance, os sentimentos de Álvaro vão se voltando para Isabel, por causa de Dona Lauriana, que não gosta de Peri. Este, obedecendo a Dom Antônio, está prestes a voltar para sua tribo, deixando Cecília.

Mas, ao saber de Peri que os aimorés se aproximam para sitiar e atacar a casa, mudam-se os planos de Dom Antônio: Peri ficará. Dom Antônio, temendo pelos filhos e querendo solicitar socorros, envia Dom Diogo ao Rio de Janeiro. Loredano, depois que Peri denuncia a Álvaro os planos diabólicos que tem, vai também partir com Dom Diogo, mas, iludindo a vigilância deste, deixa-o a meio do caminho, e, conforme estabelecera com seus comparsas aventureiros, irá executar a trama que engendrara com eles, naquela mesma noite.

A primeira coisa que tenta fazer é roubar Cecilia; mas quando está para deitar-lhe a mão, Peri desfere uma flecha certeira que vara a mão de Loredano e a fixa na parede da alcova de Cecília. Loredano foge, e, percebendo que seus planos falham, muda de tática: procura amotinar os aventureiros contra Dom Antônio de Mariz. E já os amotinados se acercam de Dom Antônio quando soa o alarma: os índios aimorés estão à vista. Diante do perigo comum, os homens de Dom Antônio e os de Loredano se unem para a defesa, embora em pontos separados. Peri, imaginando que poderia matar todos os aimorés, sozinho, toma veneno e se lança contra mais de duzentos índios, quando já fizera grande mortandade, entrega-se como prisioneiro. É que ele conhecia o costume daqueles índios antropófagos que costumavam devorar os inimigos valorosos; assim, estando ele envenenado, todos morreriam.

No momento em que estava para ser sacrificado, Álvaro, chefiando um grupo de seus homens, salva Peri das mãos dos Indígenas. Peri volta e conta que havia tomado veneno. Diante de um pedido de Cecília, entretanto, o índio fiel interna-se na floresta em busca de uma erva que inutiliza o efeito do veneno. Percebendo que Cecília amava Peri, Álvaro suicida-se. Isabel, desesperada, diante do cadáver de Álvaro, também se suicida. Loredano continua tramando: imagina que seria agora mais fácil tornar-se senhor da casa; bastaria matar D. Antônio, a mulher e o

escudeiro; mas Peri vigia e, quando Loredano menos supõe, é preso e condenado a morrer queimado.

Inicia o cerco dos selvagens. Já está por pouco a entrada deles na casa. Peri pede a Dom Antônio que olhe Cecília, a qual, naquele instante, dorme sob os efeitos do vinho que o pai lhe dera. Dom Antônio diz que não sé afastará do lar. Peri, a pedido do pai de Cecília, faz-se cristão, e recebe o encargo de salvar Cecília. Descendo por uma corda através do abismo e equilibrando-se em troncos de árvores caldas, o índio amigo atinge o Paquequer onde, em frágil canoa, foge descendo rio abaixo.

Já longe, ouve terrível estampido, o fogo atingira o paiol de pólvora da casa de Dom Antônio, destruindo, com a casa, os próprios aimorés. Cecília acorda, o índio lhe conta as últimas peripécias. Cecília, só no mundo, sente crescer sua afeição por Peri, chamando-o de irmão, e pretende ficar com ele na floresta, não mais voltando ao Rio de Janeiro. Desaba a tempestade. As águas sobem, sobem, Peri leva Cecília ao alto de uma palmeira. As águas continuam subindo. Peri, então, desce até as raízes da palmeira e as desprende do solo, após gigantesco esforço. E a palmeira, ninho onde se abrigam Cecilia e Peri, vai vagando nas águas e se perde no horizonte.